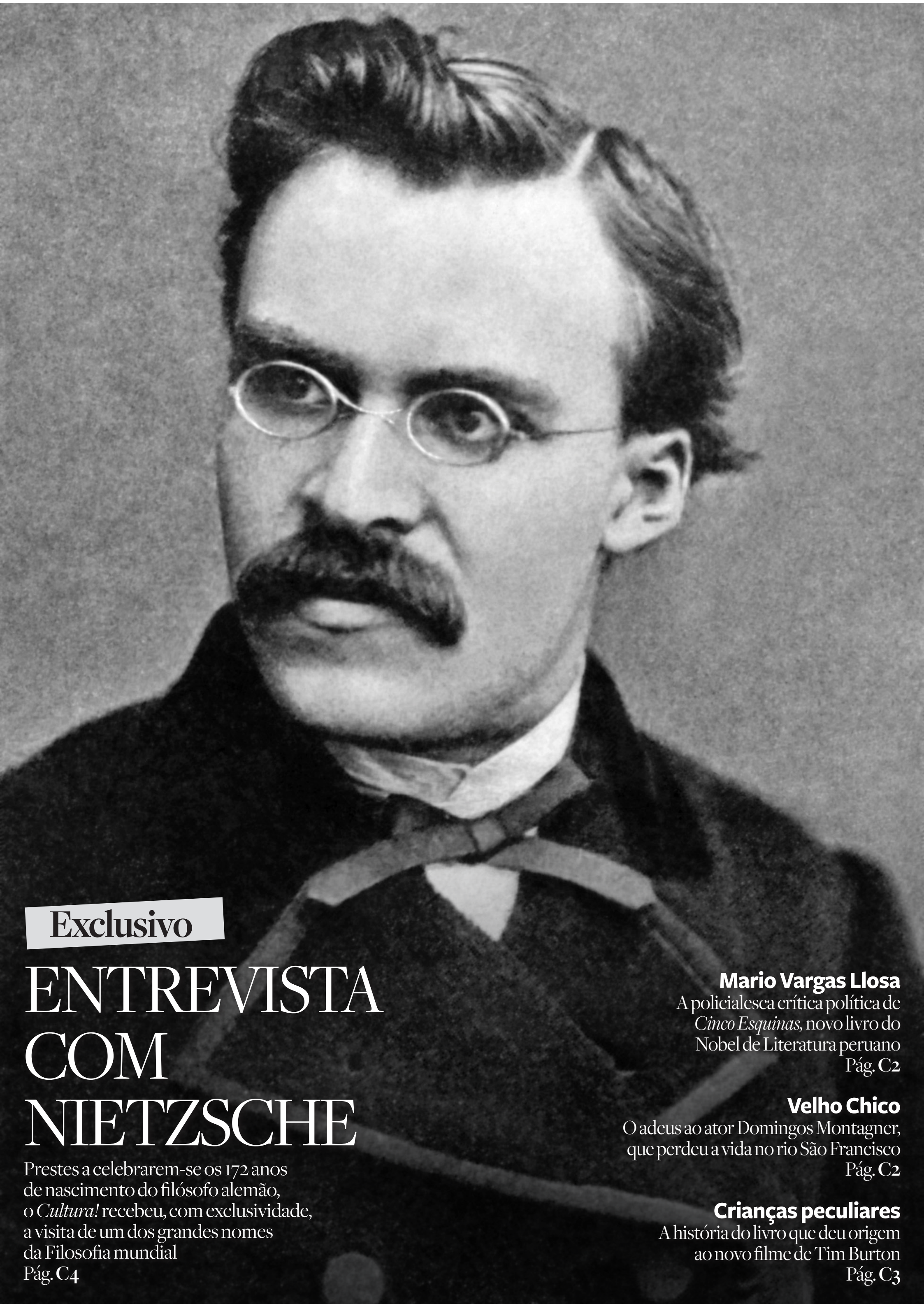




Cultura!



Exclusivo

ENTREVISTA COM NIETZSCHE

Prestes a celebrarem-se os 172 anos de nascimento do filósofo alemão, o *Cultura!* recebeu, com exclusividade, a visita de um dos grandes nomes da Filosofia mundial

Pág. C4

Mario Vargas Llosa

A policialesca crítica política de *Cinco Esquinas*, novo livro do Nobel de Literatura peruano

Pág. C2

Velho Chico

O adeus ao ator Domingos Montagner, que perdeu a vida no rio São Francisco

Pág. C2

Crianças peculiares

A história do livro que deu origem ao novo filme de Tim Burton

Pág. C3

Literatura

Em novo livro, *Cinco Esquinas*, o Nobel de Literatura elabora uma crítica política à imprensa marrom e ao uso que o governo Fujimori fazia dela

MARIO VARGAS LLOSA

NOS LIMITES POLICIALESCOS E POLÍTICOS

CRÍTICA

★★★★☆ BOM

GIL PIVA

Bem que o título do novo romance do escritor peruano, vencedor do Nobel, Mario Vargas Llosa, poderia se chamar *Quem matou fulano de tal?*, uma referência a outro livro seu, de estilo similar, publicado no ano 1986: *Quem matou Palomino Molero?*. Um pouco da diferença entre ambos está já na antecipação, ou seja, no seu romance mais antigo o leitor já de cara percorre por uma trilha policaiesca sabendo de antemão quem é a vítima.

Embora em seu novo romance *Cinco Esquinas* as coisas não se deem bem assim, tampouco de mais, tampouco de menos muito para uma chaminé funesta de um assassinato entrar em cena. Daí em diante, talvez com menos mistério, questões são levantadas a respeito da morte e dos possíveis suspeitos. Há de se levar em conta que Llosa é um exímio contador de histórias; para qualquer trama, isso é mais que suficiente.

Cinco Esquinas é o nome de um bairro antigo do Peru. E, assim como essa antiguidade, funciona o próprio efeito de

Llosa constrói seu texto com o risco de as entrelinhas se projetarem sobre suas próprias desconstruções

se usar o *thriller*. Então, neste caso, para um leitor desatento, que aguarda ansioso página após página enigmas mirabolantes ou intrigas sofisticadas, entre falas e debates calorosos, pode emergir certa frustração. Mas Llosa, hábil escritor, não perde a mão nem a intenção inicial. O *thriller* escorrega contaminado por uma distorção: elaborar uma crítica política à imprensa marrom e ao uso que o governo Fujimori fazia dela.

Portanto, Llosa extrai essencialmente do estilo o que precisa para expor um período histórico, que de tão irracional possuía o tom de literatice, uma ficção moldada pelo léxico ditatorial.

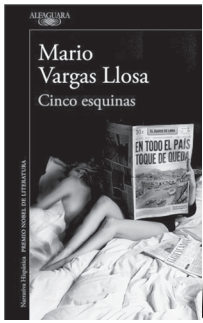
Para quem não sabe, a vida intelectual de Llosa sempre gerou desavenças e incompreensões. Em 1990, concorreu à presidência, como candidato da centro-direita (Partido Frente Democrática), e foi derrotado por Alberto Fujimori, no segundo turno. Logo após as eleições, Llosa deixou o país e muitos compatriotas até hoje não o perdoam por isso. Recentemente, Llosa chamou o candidato Donald Trump de “palhaço racista”.

Bem ou mal, seus princípios não se desvencilham do lado político da vida. E Llosa constrói seu texto nesse ínterim, com o risco de as entrelinhas se projetarem sobre suas próprias desconstruções; afinal, como tudo é antigo, tudo pode ser vago e também abstrato.



Cinco Esquinas, sem dúvida, não é um dos melhores romances do escritor, mas tem uma força romântica, destilada não só pelas prejudiciais preferências e tendências que se guardam no passado remoto ou não, como também por embalar uma condição de quem jamais esqueceu os entreatos encravados de seu país.

Se em 1990 Mario Vargas Llosa perdeu as eleições para Alberto Fujimori, este,



CINCO ESQUINAS

Autor: Mario Vargas Llosa

Editora: Alfaguara

(213 págs.; R\$ 49,90)

por sua vez, foi derrotado numa outra esfera, na qual os costumes retratam o benefício de um bom livro e as voltas de uma renovada liberdade de expressão. Ponto para a sociedade peruana. Entre a esfera policial e a política, há a trivialidade do limite entre os dois — pois a seriedade de um grande autor e o registro de uma boa narrativa não sucumbiram à monstruosidade ritualística de poder.

Adeus

UM MERGULHO NO VELHO CHICO

EDUARDO BAPTISTÃO

Não tenho problema nenhum em dizer que sou um noveleiro. Gosto de novelas desde garoto, quando assisti às antológicas *Irmãos Coragem*, *Selva de Pedra*, *O Bem Amado*, *Gabriela*, *Saramandaia* e *Pecado Capital* (sim, sou quase um ancião).

Quando entrei na faculdade e comecei a trabalhar fora, deixei de ver por muitos anos.

Em 1990, entre um emprego e outro, passei um ano em casa trabalhando como *freelancer*. Coincidiu de estar passando *Pantanal*, na extinta Manchete, e então eu pude matar a saudade de acompanhar uma novela inteira.

Pantanal foi uma revolução na sua época. Deslocou o eixo da trama para uma região nunca antes mostrada em novelas, com paisagens belas e exóticas.

Apoiada em um ótimo elenco e numa história muito bem contada, abalou as estruturas da hegemônica Globo, que acabou incorporando muito da estética de *Pantanal* nas suas produções posteriores.

Os 22 anos seguintes eu passei no interior do *Estado* (leia-se dentro da redação do *Estadão*), e nesse período não pude acompanhar nenhuma novela.

De três anos e meio para cá, de volta à vida de *freelancer*, eu me permiti voltar a esse prazer.

Estou acompanhando *Velho Chico* diariamente, desde o início (uma novela anunciada em forma de cordel pelo Xangai tinha de ser diferente, e era mesmo).

Não por coincidência, o autor é o mesmo de *Pantanal*, Benedito Ruy Barbosa.

Velho Chico encantou desde o início pela estética deslumbrante, pela história cativante contada de maneira poética e num ritmo quase arrastado, oposto ao padrão atual das novelas. E veio com uma

das melhores trilhas sonoras da história das novelas brasileiras (só não digo a melhor porque houve *O Bem Amado*, *Gabriela* e *Saramandaia*, trilhas de muito respeito).

Tudo isso que escrevi até agora foi pra falar do quanto me entristeceu a morte do Domingos Montagner. A tragédia é chocante por si, poderia ser qualquer pessoa. Mas o fato é que, depois de meses entrando diariamente na minha casa, fica a impressão de eu ter perdido um parente próximo.

E o que torna tudo ainda mais triste é a coincidência com a trama. Santo, o protagonista interpretado de forma magistral pelo Domingos, há apenas alguns capítulos havia sumido nas águas do São Francisco depois de levar três tiros. Como não há novela sem marmelada, ele foi resgatado por índios e, após ser tratado à base de ervas, sobreviveu sem nenhuma sequela.

Quando soube do sumiço do Domingos, fiquei torcendo para que ele fosse encontrado vivo numa tribo.

A decepção é que na vida real não tem marmelada.

*

EDUARDO BAPTISTÃO É ILUSTRADOR E CARICATURISTA



Palavra



“Sempre tenho confiança de que não serei maltratado na porta do céu, e mesmo que São Pedro tenha ordem para não me deixar entrar, ele ficará indeciso quando eu lhe disser em voz baixa: ‘Eu sou lá de Cachoeiro...’.”

RUBEM BRAGA

NASCIDO EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES), em 1913, O AUTOR DE “O MORRO DO ISOLAMENTO”, “O VERÃO E AS MULHERES” E “RECADO DE PRIMAVERA”, DENTRE OUTROS, MORREU NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 1990.

Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE

EDITOR: O. A. SECATTO

COLABORADORES: GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Literatura

Fotografias paranormais, crianças desajustadas, fantasia urbana, uma atmosfera de melancolia e tudo o mais que Tim Burton queria ler em um livro

OS PECULIARES LIVROS FOTOGRÁFICOS DE RAMSON RIGGS

BRUNO ANSELMI MATANGRANO

N o dia 29 de setembro, estreou nos cinemas de todo o país o mais novo filme do mestre Tim Burton, *O Lar das Crianças Peculiares*, adaptação do primeiro volume da trilogia do jovem romancista americano Ransom Riggs, chamado *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares*. Lançado no Brasil em 2012, pela editora LeYa, o livro de Riggs trazia na quarta capa uma citação de Tim Burton dizendo: “Vocês têm certeza de que não fui eu quem escreveu esse livro? Parece algo que eu teria feito...” E quem lê o livro não tem dúvida nenhuma disso, pois logo pela capa (e pelas fotografias internas) vemos algo de perturbador, ao mesmo tempo engraçado e melancólico: a cara do cineasta. É um livro muito bonito, mas não de uma beleza comum. Com o perdão do trocadilho, trata-se de um livro *peculiar*, digamos assim, desde a capa propositadamente envelhecida até as ilustrações internas, na verdade fotografias reais antigas, retratando supostas atividades paranormais a partir das quais a trama se desenvolve. Na verdade, Riggs já explicou em diversas oportunidades que primeiro vieram as fotografias, que colecionava. Com elas em mente, decidiu criar uma história, usando cada uma delas para desenvolver um personagem ou uma cena. Assim nasceu *O Orfanato da Srta. Peregrine*. Já os volumes seguintes, *Cidade dos Etéreos* e *Biblioteca das Almas*, lançados ambos este ano pela Intrínseca, no Brasil, foram compostos de maneira diferente: já tendo uma história em andamento, Riggs começou a “caçar” fotografias que se encaixassem nas cenas que queria escrever, embora, por vezes, tenha mudado completamente a história só para poder usar suas fotografias preferidas, como confessa na entrevista publicada ao fim do segundo volume da série.

Por ter construído seu mundo a partir de fotos supostamente reais de cenas sobrenaturais antigas, já podemos imaginar com que tipo de história vamos nos deparar. Em linhas gerais, a série narra as desventuras de Jacob Portman pelo mundo peculiar, isto é, o lugar onde habitam criaturas com poderes sobrenaturais, escondidas dos olhos dos “comuns”. Jake, que aparentemente é apenas mais um garoto americano normal de classe alta, é jogado, meio que por acaso (mas nem tanto) neste mundo, e acaba por descobrir, ao fim, ter, de certa forma, sempre feito parte dele.

Dito assim, pode parecer que estou falando de Harry Potter, ou de qualquer outra série posterior de fantasia, em que o herói órfão descobre fazer parte de um mundo mágico, muito mais interessante do que a realidade ordinária em que vivia. Porém, nos livros de Riggs, as coisas não são tão simples assim (e aí é que está toda a graça e originalidade do livro), pois Jacob não é órfão e tem uma boa e pacata vida na Flórida. Seus pais são legais e bem de vida, o que lhes possibilita conforto e facilidades. Então sair de seu mundo não é algo tão simples como é para os heróis mais convencionais. Jacob está sempre dividido; há momentos, inclusive, em que só queria ter uma vida normal. A complexidade psicológica da trama, aliás, se torna um ponto forte da obra.

Logo no prólogo, o livro mexe com a gente. O começo lembra, de certa forma, *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* (outro filme de Tim Burton), com uma atmosfera que em dada medida também evoca o filme *Onde Vivem os Monstros?* Mas isso é só no prólogo mesmo, como uma provoca-

ção ao leitor, que já começa o capítulo 1 desarmado e confuso, sem saber direito “qual é a desse livro”. O autor nos apresenta então a relação de fã e herói entre um menino e seu avô. O Sr. Portman (o avô) nada mais é do que um contador de histórias, que sobreviveu a muitas desventuras, tendo fugido da Polônia ocupada pelos nazistas, antes de se fixar nos Estados Unidos. Algumas de suas histórias são reais, outras não parecem ser tanto assim. Mas mesmo as que são fielmente históricas não são, por isso, menos fantásticas.

Sem saber quais são de verdade ou se nenhuma é de fato, Jacob ouve as histórias de seu avô, ora acreditando, ora duvidando, torcendo para que sejam verdadeiras, embora nenhum dos outros familiares lhes dê credibilidade. Como em *Peixe Grande*, as histórias do Sr. Portman parecem reais, mas talvez sejam exageradas demais, seja porque quem as conta é um neurótico de guerra, seja porque quem as ouve é um menino que idolatra seu avô. E a explicação, a princípio, é exatamente essa. Não bastasse ser um neurótico de guerra com transtorno pós-traumático, o Sr. Abraham Portman é um exilado. Polonês e judeu, foi mandado embora de sua pátria por seus pais que tentavam salvá-lo da Segunda Guerra. E depois disso, antes de chegar aos EUA, o jovem Abe (como era conhecido) passa uma misteriosa estada em um orfanato numa ilha do país de Gales, o que acabaria mudando toda a sua vida. E suas narrativas.

Afinal, avós e avôs são sempre contadores de histórias. E quando essas histórias envolvem guerra, normalmente, são histórias de terror; é assim que parecem as histórias do Sr. Portman num primeiro momento. Histórias horríveis, mas assustadoramente reais. Mas tudo muda quando Abraham é assassinado diante de Jacob. Assim começa de fato o primeiro livro.

Se num primeiro momento ficamos totalmente encantados com a

história do avô e de seu neto, no momento seguinte, o leitor perde completamente o fôlego ao sentir esse avô incrível ser tirado de nós, leitores, que compartilhamos sua imensa dor. A nostalgia e a melancolia ficam à flor da pele. O livro desperta certa tristeza ao mesmo tempo que um sentimento de solidariedade em relação a Jacob, tornando a leitura ainda mais intensa. Afinal, somos todos netos de contadores de histórias e certamente o momento



mais fantástico, em seus dois sentidos, da vida de cada um de nós são as histórias de nossos avós (ao menos daqueles que tiveram a sorte de conhecê-los).

A partir desse trágico acontecimento, a vida de Jake muda completamente; ele passa a ser assombrado por pesadelos ter-

ríveis. Sua vida, antes perfeita, fica em frangalhos, e a única pessoa com quem conversa de fato é seu terapeuta, que termina por aconselhá-lo a buscar uma resposta para seus temores

nas próprias lembranças e histórias de seu avô. É por isso que Jacob e seu pai viajam para a Europa, onde o menino entra em contato com o mundo *peculiar*, naquela mesma ilha, em Gales.

Para não dar muitos detalhes do que é esse

mundo, contarei apenas que os *peculiares* são pessoas (em sua maioria crianças) que possuem poderes mágicos: alguns são invisíveis, outros podem voar ou controlar o fogo, há os incrivelmente fortes, e aqueles que podem comandar outras espécies de plantas ou animais. E há ainda mulheres muito especiais que se transformam em pássaros e controlam o tempo, criando fendas temporais onde todos estes desajustados vivem há séculos. Sim, de certa forma, parece que estou falando de *X-Men*. E às vezes parece um pouco mesmo. Ao mesmo tempo, é diferente. Riggs tem esse brilhante talento de fazer seu livro se parecer com outras histórias e ser completamente diferente de uma só vez. Em última instância, é visível que há inúmeras referências que constroem um mosaico bastante curioso.

Por fim, abrindo um parêntese, queria acrescentar que acaba de ser lançado um *spin-off* da série, uma coletânea chamada *Contos Peculiares*. Na verdade, este é um livro que faz parte da própria série, sendo lido e consultado por Jacob e seus amigos ao longo da trilogia. E agora, assim como os *Contos de Beedle*, o *Bardo*, de J. K. Rowling, que também era um livro ficcional transformado em realidade, os *Contos Peculiares* também estão à disposição dos leitores.

Acho que falar mais de qualquer um dos livros da série seria exagerar a quantidade aceitável de *spoilers*, mas vale adiantar que a história vai crescendo e envolvendo o leitor que se vê perdido e angustiado ao lado de Jacob e seus amigos. Nos dois livros que seguem o primeiro, a trama se torna mais intrincada, mostrando que cada mínimo detalhe da narrativa esteve, o tempo todo, habilmente amarrado. Para quem ainda não leu, fica então o convite para conhecer esse universo rico e interessante. E para quem já leu, vamos conferir o filme do Tim Burton, sobre o qual conversaremos no mês que vem, e comentaremos como o mestre releu essa aventura.

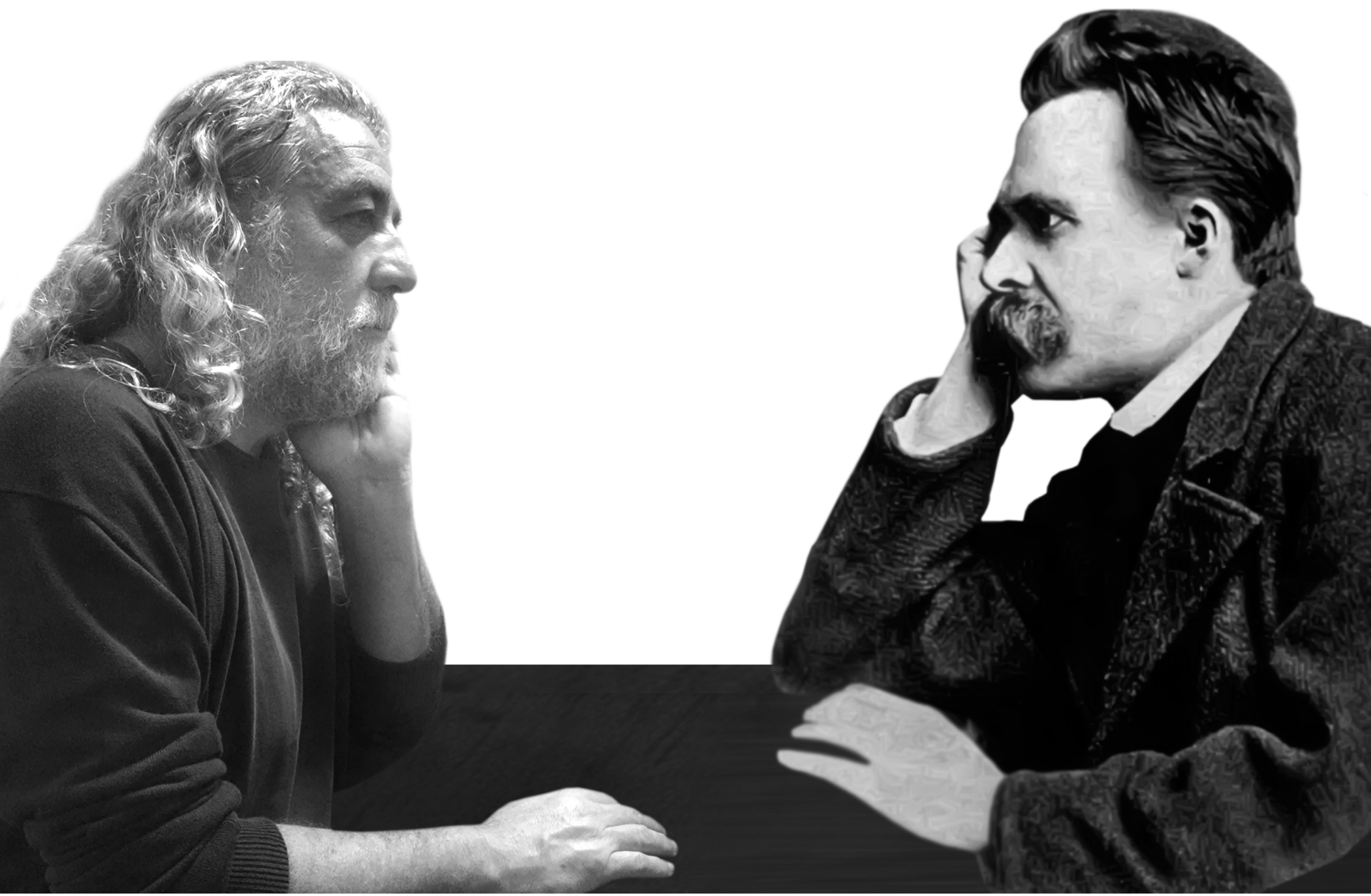
*

BRUNO ANSELMI MATANGRANO, AUTOR DE ‘CONTOS PARA UMA NOITE FRIA’ (LLYR), É PESQUISADOR, EDITOR, TRADUTOR, ESCRITOR E DOUTORANDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)



Capa

‘Aquele que deveria ser o instrumento desvelador, a iluminação, transformou-se em artefato de proliferação de dogmas e fundamentalismos. Não existem mais os grandes sistemas filosóficos’



ZÉRENATO

N uma noite dessas estava em minha biblioteca, na busca de um texto filosófico, e passei a relembrar os tempos de graduação, os estudos. Como sempre, me recordei de Nietzsche. Sua influência em minha vida, minha formação. Lembrava o quanto lhe sou grato. Peguei a obra *Assim Falava Zarathustra*. Em silêncio, passei a pensar. Por surpresa, senti uma bruma, ruídos, um tanto musicais, é verdade. Meio atônito, procurei me certificar da situação, do momento que passava. Para minha surpresa e estranhamento, estava diante de meus olhos o grande filósofo germânico. Olhei-o com um misto de surpresa, assombro e encantamento. Ele apenas me observava. — Wie geht’s? — disse. — Gut. Danke — respondeu Nietzsche. — Filósofo, por favor, é possível conversarmos na língua de Guimarães Rosa? — solicitei-lhe. — Sim. É um prazer. Aliás, gostaria imensamente de conviver com ele em vida. Grande escritor — afirmou o gênio. — Como diz meu amigo Ari, “Rosa é um esteta da palavra”. Se me permite, filósofo, percebo um forte paralelo entre ambos, nessa medida. Na textura da escrita de ambos constato o cuidado com as palavras, a leveza em enceta-lás, produzindo uma doçura, uma espécie de prosa poética. — Vim a conhecer desse lado a obra *Grande Sertão: Veredas* — respondeu o filósofo. — Sua tradução germânica manteve a força do original em português. Concorro, meu amigo. Permita-me chamá-lo assim — continuou. — Filósofo, uma honra dirigir-se a mim dessa maneira. — Depois de tantos anos estudando minhas obras, é o mínimo que posso fazer — comentou Nietzsche. — Espero, sinceramente, me postar à altura de tamanha deferência. De qualquer modo, como me conferiu a alegria e o carinho de visitar-me, posso realizar uma pe-

NIETZSCHE VISITA

quena entrevista para nosso suplemento cultural? — Será um prazer. — Começemos. Em que estágio está a Filosofia? Ainda é possível “filosofar com um martelo”? — Meu amigo, constato que há uma crise por mim prenunciada. Se recordar, no aforismo que vocês insistem em chamar de “A morte de Deus”, aponte a “Crise da Razão”. Aquele que deveria ser o instrumento desvelador, a iluminação, transformou-se em artefato de proliferação de dogmas e fundamentalismos. Não existem mais os grandes sistemas filosóficos. O último foi o Existencialismo de Sartre, que se encontra há algum tempo aqui conosco. Verifico que a Filosofia tem se limitado a abordar questões esparsas, aqui e acolá. Sinto muito: empobreceu. Quanto a sua segunda questão, acredito que sim. Ainda é pertinente, na medida em que aquilo que produzimos temos a convicção de que deva permanecer e proporcionar aos humanos novos instrumentos de reflexão. Muito embora esteja totalmente cético — ou melhor, continuo a sê-lo — quanto à capacidade de vocês aferirem e realizarem aquilo que lhes deixei. Preferem, no geral, entregar-se a práticas pseudo-hedonistas, de prazeres efêmeros, vazios e passageiros; entreter-se com ocupações que adestram, domesticam e não incitam à reflexão, ao pensamento, à coragem intelectual. — Filósofo, existe aqui alguém cujo pensamento e proposições filosóficas possam aproximar-se de sua Filosofia? — Meu amigo, não vejo isso há muito tempo! Lamento. — Você deixou algum “herdeiro filosófico”? — Sem arrogância, verifico que muitos

filósofos produziram grandes trabalhos sob minha influência. Heidegger, Sartre, Foucault, Deleuze, Walter Kaufmann, por exemplo. No Brasil, minha maior influência está no trabalho do professor Oswaldo Giacóia Junior. — Fico feliz pela citação de Giacóia Junior. Foi meu professor na graduação e no mestrado. — Certamente você aprendeu um pouco sobre este que lhe fala. — Percebe sua obra influenciando algum artista? A pergunta faz sentido, uma vez que existe em seus escritos uma relação íntima com a Arte. — Felizmente sim! No cinema, meu maior influenciado é Clint Eastwood. O que torna sua obra mais nietzschiana é o fato de o cineasta não ter a menor ideia de que o é. Na música, ainda nos Estados Unidos, Charlie Parker, John Coltrane, Miles Davis são alguns nomes. No Brasil, Caetano Veloso e Jorge Mautner. Na literatura, verifico influências em Thomas Mann e Albert Camus, por exemplo. Na poesia, não tenho dúvida nenhuma, Fernando Pessoa. — Filósofo, crê ainda em seus conceitos de Apolíneo e Dionisíaco? — Talvez fossem necessários alguns ajustes, todavia, calculo, ainda são válidos. — Na música, permita-me, como está sua relação com o maestro Richard Wagner? — Meu amigo, os temas do além não podem ser divulgados no mundo dos vivos. Perdoe-me. Fico devendo essa resposta. — Sem problemas. Tudo certo. Não altera nossa amizade. Filósofo, você é agnóstico? Como foi sua relação com a religião? — Começo respondendo ao contrário. Sempre critiquei as religiões, no sentido

de domesticarem os humanos por meio de dogmas. Pregar uma salvação da alma em detrimento do corpo. Transformando quereres em espera, aceitação, escravidão de uma vida inautêntica — aprendi essa expressão com Heidegger e Sartre —, obrigando os humanos a cumprirem ordens de uma moral hipócrita e fracassada. Tornando-os fracos, culpados e doentes. Minhas críticas eram ao cristianismo, à instituição, e não ao Cristo. Ninguém compreendeu. Talvez poucos. Nesse sentido, não sou religioso. Quanto à primeira pergunta, nunca o fui. Minhas contestações são ao “Paulismo”, à religião, à deturpação de Deus. Não sou agnóstico. — Incomoda-o o fato de ter seu nome ligado à aberração do nazismo? — Afirmo: “Não sou homem, sou dinamite”. Minha Filosofia é provocativa. Suscita infinitas interpretações. Todavia, jamais admiti tamanha aberração. Elizabeth (*irmã do filósofo*) jamais poderia ser tão canalha, a ponto de distorcer minha obra inacabada que foi traduzida no Brasil por “Vontade de Potência”, com a pretensão expressa de obter êxitos pessoais e escusos. Sofri cinquenta anos, no tempo de vocês, com essa injúria. Aproveito para agradecer aos brilhantes italianos Colli e Montinari que executaram um trabalho maravilhoso e paciente, a fim de desfazer a calúnia. Aproveito para agradecer ao querido mestre Antonio Candido pela publicação de um texto no suplemento cultural do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1945, no qual afirmava: “Recuperemos Nietzsche!”. — Filósofo, sinto em encerrar essa conversa. Foi divino — permita-me a brincadeira — dialogarmos. Danke! — Foi um prazer dionisíaco, meu amigo. Danke! — Forte abraço. Bis eine andere Zeit. — Até outra hora. Grande abraço. — Filósofo, espero demorar a encontrá-lo pessoal ou metafisicamente. — Quem sabe? Nosso tempo é outro! Um ruído me fez acordar aos sobressaltos. Era gol do Corinthians. Havia adormecido. Fora um sonho? Suponho que sim. Todavia, não duvide do poder do inconsciente. Como cético, duvido.

Se recordar, no aforismo que vocês insistem em chamar de “A morte de Deus”, aponte a “Crise da Razão”